

## CADERNO “PENSAR”, DO JORNAL *ESTADO DE MINAS*

**Entrevista a André Mendes di Bernardi, publicada como matéria-depoimento no caderno “Pensar”, do jornal *Estado de Minas* – em 21 de maio de 2011**

**PENSAR – Em que medida a sua "militância", as suas andanças pelo universo da filosofia influenciam, interferem na sua produção artística, literária?**

EVANDO NASCIMENTO – Desde cedo, mesmo antes de entrar para o Instituto de Letras, na UFBA, a filosofia me interessou vivamente, e apenas por um desses lances do acaso não fiz a graduação nessa disciplina. Todavia, logo que comecei a estudar Letras, descobri uma disciplina, a Teoria da Literatura – lecionada pela excepcional professora Evelina Hoisel, felizmente ainda hoje na ativa como titular –, na qual pude desenvolver de modo satisfatório minha *vontade de saber filosófico*. A partir da graduação até o recente pós-doutorado sobre filosofia em Berlim, ao lado dos estudos literários e artísticos, o que mais fiz foi investir em pensadores como os franceses Foucault, Deleuze, Barthes, Derrida, Sartre, Ponty, mas também os grandes autores alemães da Modernidade, de Kant a Hegel, sobretudo Nietzsche – que releio a vida inteira –, o fundamental Heidegger, Benjamin, Adorno, entre outros. Platão, Aristóteles, Montaigne, Pascal, Descartes, Rousseau, Saussure e Austin me interessaram também sobremaneira. Mais recentemente, leio Agamben, Nancy, Sloterdijk e Stiegler, a lista por definição não tem fim. Quando escrevo ensaios, esses nomes aparecem regularmente, em divergência ou convergência com relação ao pensamento que desenvolvo. O resultado disso é me convidarem para colóquios estritamente filosóficos, no Brasil ou no exterior. Quando estou fazendo um poema, um conto, uma crônica, um romance ou até mesmo uma peça, o nome desses filósofos com que tenho afinidade desaparece, mas alguns de seus filosofemas e ideias aparecem, como que de contrabando. Jamais desejaria fazer uma literatura “filosófica”, que acho tediosa. O que busco, talvez com algum sucesso, é ficcionalizar as discussões

filosóficas, porém ao ponto da distorção. Raramente mesmo um conceito de Benjamin, que tanto amo, vem transcrito literalmente. O melhor exemplo disso seria justamente o conto que se intitula “O Dia em que Walter Benjamin daria aulas na USP”, de *Cantos do mundo*, inspirado num suposto convite feito ao filósofo para trabalhar no Brasil.

A meu ver, a filosofia deve estar a serviço da ficção, sem nunca subjugar-la. O leitor que detém alguma cultura filosófica reconhece essa interlocução, o outro que não a detém desconfia de que há algo ali, mas espero que isso jamais atrapalhe o prazer de sua leitura. Sonho ser lido por qualquer um que goste prioritariamente de literatura, mas também de filosofia, antropologia, psicanálise, artes, cinema etc. Uma das mais belas respostas a meu *Retrato desnatural* veio de um leitor quase anônimo, do interior de São Paulo. Com um português escorreito, mas sem jargão, ele dizia o quanto apreciara o volume, que lera e relera, pretendendo doar a uma Biblioteca, como sempre faz com os livros que admira. Ainda bem que esse tipo de leitor ainda existe, e torço para que nunca desapareça, é quase o ideal de todo escritor ser bem entendido por alguém de certa cultura mas não especialista. Todavia, não renego nenhuma espécie de leitor, aprendo até com os equivocados. Leitoras e leitores, por princípio, têm sempre suas razões e desrazões, e o autor deve ter a humildade de compreender o equívoco alheio. Ponto.

**PS – Depois de lançar o livro *Retrato desnatural*, no qual existem poemas, contos e crônicas, você lança *Cantos do mundo (contos)*. Poesia, contos, crônicas, biografia, em qual dos gêneros você se sente mais à vontade?**

EN – Na realidade, se há necessidade de rótulo, aquele em que mais me reconheço é o de *escritor*. Escritor define uma prática, um modo de intervenção no mundo, não necessariamente um gênero nem uma mitologia – embora isso por vezes ocorra, como desconstruiu genialmente Barthes nos anos 1950. Gosto de praticamente todos os gêneros, sem preferência especial. Cheguei mesmo a escrever duas peças de teatro, que ainda permanecem inéditas, pois faltou tempo para lhes dar a última mão, embora já estejam bastante escritas. O problema com os gêneros é que podem se tornar uma prisão, enquanto a invenção literária pede um máximo de liberdade. É por isso que nesses dois

livros publicados – há muitos inéditos, pois sou muito exigente com o que faço e não tenho pressa nenhuma de publicar, meu deleite é antes de tudo escrever – encontram-se não só diversos tipos de gêneros, separadamente, como também num mesmo curto texto misturo, por exemplo, narrativa com poesia. Tal é o caso de “passaporte (visto)”, um poema em prosa de *Retrato desnatural*, que simula uma cantoria entre dois sabiás, um norte-americano e o outro sul-americano; ambos existem, não são invenções minhas. Definiria o que faço de algum modo como *transgênero*, podendo-se aí entender o termo também no sentido sexual... A frase de Clarice que mais admiro talvez seja “gênero não me pega mais” (*Água viva*), que já citei em diversos lugares. O curioso é que defendo até certo ponto uma definição relativa dos gêneros tradicionalmente reconhecidos. Não aprecio os amálgamas em que tudo fica amorfo e, no fundo, inócuo. É preciso um mínimo de competência para dominar os gêneros e, em seguida, jogar com eles. Veja o caso do *Retrato desnatural*, no título e no subtítulo, encontram-se as seguintes in-definições: autorretrato/autobiografia/autoficção, todos por assim dizer “desnaturados”; depois vêm “diários” e finalmente “ficção”. Quando o leitor abre o livro encontra um pouco de tudo, mas nada disso em estado puro, além de se deparar com a crônica, a correspondência real ou virtual, a escrita do blog, o ensaio, o conto, o diálogo dramático etc. Se me perguntam o que é de fato o volume, respondo: um romance, ou quase, um *quase romance*, se quiserem, no sentido de que Hélio Oiticica chamou suas *Cosmococas* de *quasi cinema*. Cabe ao ilustre leitor escolher a classificação, caso esta seja realmente necessária, que mais lhe agrade. Já vi o livro mais de uma vez na seção de ensaios, ou seja, de não ficção em livrarias, e achei muito coerente, embora isso perturbe um tanto os leitores... Há sempre um grande preço a pagar pela coerência, todavia quanto a isso não cedo uma vírgula. Dei a sorte de ser publicado numa editora como a Record, que dá total liberdade aos escritores, pelo menos esse é meu caso. Só tenho elogios a fazer à pessoa de Luciana Villas-Boas, que até o momento endossou todos os meus projetos, inclusive acadêmicos. Que mais pode um autor desejar?

## **PS – Quais são suas referências literárias?**

EN – Acho excelente você ter dito referências, em vez das antiquadas “influências”. Hoje prefiro o termo *confluências*, pois quando um escritor escolhe um autor para ler e reler pelo resto da vida, de modo contínuo ou intermitente, isso significa que intuitiva ou conscientemente sente enorme confluência entre seus pensamentos ou valores literários e aqueles do/a interlocutor/a privilegiado/a. Não se trata mais de mestria nem de subserviência ao texto do outro/da outra, mas de alta afinidade intelectual, existencial, artística. Em meu caso, a confusão é enorme, fui criado numa família de classe média do interior da Bahia, muito eclética em termos de leitura. Minha mãe dizia, não sem certo orgulho, que seus filhos liam tudo o que lhes caia nas mãos. O que é um bem e um mal. Assim, quando criança, li os contos de Grimm em versões não adaptadas, que meu pai adquiriu em grossos volumes. Monteiro Lobato foi outro caldo cultural que deixou marcas profundas, havia também os livrinhos e disquinhos de fábulas de vária procedência, até do folclore brasileiro, que me deliciavam. Ao lado disso, li uma massa enorme de histórias em quadrinhos; o primeiro texto com que juntei sílabas, palavras, frases e períodos foi uma revistinha de Disney, era muito novo e a mãe saiu gritando, para meu encabulamento, que o filho dela aprendeu a ler sozinho... Assim começa fábula familiar. Durante anos, degustava historinhas de super-heróis e fotonovelas, livros de bolso de caubóis, até catecismos de Zéfiro furtados do irmão mais velho, sem me preocupar se eram alta ou baixa cultura, pois ninguém me cobrava nada, não existia censura lá em casa. Havia também um fabuloso tio, caçador e contador de causos, que por vezes me davam pesadelos de noite. Esse é meu lado pop, que aprendi a valorizar com a ficção de Puig, Noll e Piglia, as imagens esplendorosas de Warhol e Lichtenstein, bem como o cinema delirante de Almodóvar. Desse modo, muito cedo, por volta dos dez, onze anos, quando comecei a folhear livros mais densos como os de Amado, Veríssimo, Nabokov, Machado, Dostoievski e Alencar, achava tudo muito natural, meu único intento era matar o tempo com diversão antes que ele me matasse de tédio. Vivia no interior da Bahia e as opções de lazer eram limitadas, de qualquer modo a literatura era e é para mim a melhor diversão. Entre treze e catorze anos, escrevi na máquina Olivetti Lettera de meu pai um pastiche horroroso de minhas leituras até então, o título, imagine,

era *Aberração*, e acabava num rito orgiástico, prato perfeito para psicanalistas...

Nas minhas mudanças, perdi os datiloscritos, que ficaram lacrados dentro de um saco plástico até os vinte e poucos anos. O acaso por vezes é bom tecelão... Depois dos catorze, quando me mudei para Salvador com os irmãos, passei a ler as colunas literárias dos jornais, e descobri que havia escritores mais consagrados do que outros. Isso não me fez abandonar as histórias em quadrinhos e os folhetins, mas senti que, se queria de fato me estabelecer “por conta própria”, precisava ampliar o leque de minhas leituras. Foi aí que me deparei, deslumbrado, com os poemas de Vinícius, Cecília, Bandeira e o imenso Drummond, a além de nossos poetas românticos e parnasianos. A forte ficção de Hesse, *A Ostra e o vento*, de Moacir C. Lopes e os contos de Trevisan também deixaram suas marcas. As indicações da escola nunca me soaram obrigatórias, ao contrário, eram uma forma de estender meu campo de visão. Um pouco mais tarde, tive três choques literários: o *Grande sertão: veredas* de Guimarães, que pouco compreendi no início mas pelo qual depois fiquei louco apaixonado, Mann e sua *Montanha mágica*, e *A Hora da estrela*, Clarice. Hoje as confluências se prolongam ao infinito, continuo sendo a criança sem muito critério, mas que tenta tirar o máximo proveito desses escritores dadivosos, muitos deles lidos no original: Shakespeare, Schnitzler, Duras, Woolf, o fenomenal Joyce, Kafka, Sófocles, Pessoa, Pérec, Cabral, Dante, Nelson, Céline, Celan, Littel, Fonseca, Whitman, Goethe, Lúcio, Sebald, Borges, Valéry, e por aí vai. Em relação a todos esses autores que leio e releio pratico o que chamaria de *estética da emulação*. Gosto dessa palavra de sabor antigo, porque já a *emulatio* latina tinha um duplo sentido: era preciso emular os mestres, imitando-os; mas essa imitação já continha um componente de rivalidade. Quando, por exemplo, na pintura Picasso emulava Velásquez, Cézanne, Ticiano e outros grandes mestres, estava longe de realizar uma cópia servil, ao contrário, intentava ir além dos seus antecessores, que assim se tornavam *precursores* de Picasso, tal como Borges falou, num célebre ensaio, dos *precursores* de Kafka. Evidentemente essa deve ser a pretensão de qualquer novo escritor, mas daí a obter êxito há um enorme abismo, que só o conjunto de uma obra pode preencher, quando se chega a realizá-la. Abordei essa problemática em alguns trechos do *Retrato desnatural*, e posso até dizer

que meu *autorretrato* é uma tentativa de emulação de outros *autorretratos*, a começar por Montaigne, que fornece a epígrafe do livro.

**PS – Quanto tempo você demorou para finalizar o livro? Fale um pouco sobre o seu processo de criação.**

EN – Comecei os *Cantos do mundo* ainda em 2007, logo após a finalização do *Retrato desnatural*. Concluí aproximadamente em meados de 2010, mas, por motivos editoriais, a publicação só ocorreu recentemente, o que foi muito bom pois me permitiu trabalhar o texto à exaustão. Faço modificações até a última prova, deixando consignadas em diversos arquivos as versões anteriores. No início, o processo de invenção é bastante caótico. Nunca tenho certeza do que estou fazendo, os textos emergem e vão ganhando forma de modo intuitivo. A partir de certo ponto, percebo que há ali uma coerência no plano dos temas e das formas, a coisa começa a ganhar volume. Como escrevo de modo abundante, acontece de estar trabalhando em mais de um livro de uma só vez, pelo simples prazer de fabular. Tenho bastante material inédito, desde a adolescência, e não vejo quando terei tempo para reescrevê-los, a fim de publicar. Muita coisa permanecerá provavelmente até a morte no limbo, aguardando quiçá um amoroso pesquisador. Mas tem um momento em que me digo com franqueza: isso não pode continuar assim, você precisa ordenar uma parte desse caos para que venha a lume. A elaboração de um livro não me impede de escrever avulsamente um conto ou um poema, formas breves, mas me dedico de corpo e alma ao projeto principal. Literatura, para mim, é coisa muito séria, mas só vale a pena se provocar grande deleite em quem escreve. Os jogos, digamos, laterais que invento por puro entretenimento alimentam por tabela o trabalho da hora. De modo que nunca caio num vazio, embora também me dê preciosas folgas e férias, quando não penso nem escrevo quase nada. São momentos de encontros com grandes amig(o)s, passeios, namoro e venturosas viagens. Preciso desse “fora de serviço” para viver bem, não se pode ser escritor 24h por dia, aí toda a graça se perde. Razão pela qual evito sair com celular, ipad, smartphone, que aliás, nem tenho, para de fato me desconectar.

No momento, estou nas primeiras anotações para um “romance”, ou quase, por vir. Imagine desde já que, bom ou ruim, será um romance pouco convencional, entretanto mais *romanesco* do que o *Retrato desnatural*, que poucos leram nessa clave, uma pena... Terá personagens contemporâneos, masculinos e femininos, um deles com uma espécie de câncer, jamais assim nomeado. Deixar a doença no anonimato é expor o quão ela é até hoje enigmática para a comunidade científica e para a gente comum. Mas haverá viagens entre lugares, metrópole e cidade do interior, universos que conheço muito bem, nas minhas andanças pelo Brasil e no exterior. O desejo é que seja uma narrativa de nosso tempo, atravessada por poemas, canções, diálogos, entrevistas, ensaios, mas que se projete também para um por vir em aberto, e que sobretudo o autor-narrador não domine de forma onisciente a matéria-prima em processo. Seria muito chato escrever um longo livro sobre o que já sei, prezo muito a Grande Alegria nietzschiana da descoberta. Por esse motivo, nada mais tenho a dizer a respeito. Brinquemos à la Blanchot, dizendo que esse será durante algum tempo meu “livro por vir”.

**PS – Você propõe, em *Cantos do mundo*, a discussão sobre elementos contemporâneos, como o esfacelamento das perspectivas de futuro, os vínculos sociais e afetivos frágeis, a hipervalorização do consumo, a fragmentação do sujeito. Você acha que a literatura (a arte) pode apontar para algum tipo de saída, de redenção?**

EN – Messianismo redentor, jamais, uma vez que sou inteiramente laico, em religião e em política. Considero também empobrecedor atribuir à literatura uma única tarefa, como uma missionária da época atual. Tenho, sim, uma relação feroz e indagadora sobre nossos tempos ditos “pós-modernos”, termo que, aliás, envelheceu mal. Mas considero também que nunca tantos conflitos imemoriais foram resolvidos. Há uns quatro anos, um editor de *Le Monde diplomatique* me disse numa conversa informal que o planeta nunca esteve tão calmo. Sei que isso é relativo, porque continua havendo guerras, sobretudo essa factícia guerra ao terror, em que o verdadeiro vilão é a nação mais poderosa do globo, pois muitos dos distúrbios foram provocados por sua desastrosa política externa. Esse é um dado curioso: os Estados Unidos

continuam a mandar e a desmandar, passando por cima do Direito Internacional e pelas decisões da ONU, a seu bel-prazer. No entanto, nunca houve tantos países, outrora política e economicamente irrelevantes, com poder de influência como hoje, tais a China, o Brasil, a Índia, e de maneira tosca a Venezuela ou Cuba. Isso significa que, pela primeira vez na história recente das nações, outras vozes se impuseram, nem sempre com grande poder, mas com uma capacidade mínima de serem ouvidas. Mesmo assim, acho ainda terrível a figura democrática de Obama ter-se subitamente travestido de Bush, o horror dos horrores. Contudo não sou um niilista e tendo a acreditar que as coisas podem melhorar. Por outro lado, receio muito a propósito do avanço das drogas na face do mundo; até os anos 1980, as drogas liberavam os sujeitos de seus recalques ancestrais, constituindo uma imensa catarse, jovem e coletiva. Hoje são drogas caretas, que escravizam os usuários, sobretudo as mais pesadas. Além disso, o poder fascista do narcotráfico é um dos elementos mais deletérios da cultura humana, infiltrado tanto no meio urbano quanto no rural, desconhecendo classe, idade, formação, nacionalidade.

O que a literatura sempre fez foi expor o mal e o bem-estar na civilização, sem nenhum tipo de moralidade tacanha. Quando leio o titânico Baudelaire, Lautréamont, Clarice, Genet, Fonseca, Lúcio, e outros loucos geniais, sinto uma grande força de libertação interior e exterior. Para mim, isso exige uma maior responsabilidade perante o mundo, a arte e a vida. Meu lado niilista, se existe, é nietzschiano, visa a transvalorar valores, e não a simplesmente aniquilá-los. E o valor não tem nada de abstrato, é o que acontece no nível dos corpos, com poder inventivo ou destrutivo. Disso bem sabem infelizmente os grupos evangélicos, em geral fundamentalistas mas nem todos o são. Por isso, nos incumbe a todos, diligentes leitores e autores, descobrir novas e poderosas *drogas*, um outro *phármakon*, que dê mais do que tire vidas. Dar vida a personagens e pessoas, permitindo-lhes sobreviver, é o modo mais resolutivo e benéfico de que as *drogas literárias* são capazes. Depois da adolescência, costumava dizer que a literatura me salvou do suicídio, sem redenção messiânica, porém. José Castello formulou no “Prosa & Verso”, do jornal *O Globo*, talvez a frase mais importante sobre meu trabalho até o momento. Cito

de memória: o mais importante para um ficcionista é dar às pessoas a certeza de que elas existem. Nada, portanto, é vão.

**PS – Em que medida a poesia interfere na sua prosa, nos seus contos.**

EN – Amo essas duas esferas, que só com muita dificuldade separo em meu espírito. No princípio, era a poesia, o verbo sonante, depois veio a grande prosa do mundo. Mas o contrário também é verdade: no princípio, era a prosa depois veio o verso etc. O que define a poesia é, visualmente, a valorização do espaço, do branco da folha; mas, do ponto de vista sonoro, é o sobretudo o ritmo. Mesmo a voluntária disritmia tem que ter ritmo, senão vira amorfia; carece sempre de ritmo, dissoluto, porém ritmo. Antes de qualquer palavra, um poema nasce para mim num tom, sob forma melódica. Alguns são atonais, mas isso não quer dizer sem regra, pois a atonalidade inventa suas próprias normas. Meus “confluentes” totais em poesia são Pessoa, Drummond, o inacreditável Mallarmé, Haroldo de Campos, Cabral, Baudelaire, Rimbaud, Cecília, Bishop, cummings, Gregório, Murilo, Oswald, Jorge de Lima, Poe, Bandeira, Eliot, Stevens, Augusto de Campos, Hilst, Kaváfis e Whitman, mas devo ter esquecido alguém... Deles extraio toda a musicalidade que metamorfoseio em minhas composições. Podem até me acusar de plágio, que não me importo, estou em excelentes companhias. Acontece frequentemente essas confluências se darem no nível da prosa também, e os caros poetas invadirem a seara da narrativa. Fico feliz quando me convidam para recitais de poesia, gosto desse corpo a corpo com o público. Porém, se me perguntam se sou poeta, respondo: é possível... Não fiz da poesia um ofício nem um fetiche; amo-a, mas não me identifico à persona idealizada do poeta. Se me nomeiam ensaísta, concordo, ficcionista idem, missivista, idem, idem. Gosto de poesia metrificada, mas desgosto quando se torna camisa de força ou exercício fútil, do tipo “vejam, também sei fazer”. Existe, aliás, hoje no Brasil toda uma vertente neoparnasiana, que decerto tem seus leitores. Meu pendor maior é o versilibrismo, mas ocorre incidentalmente de metrificar e rimar. Aprecio sumamente as assonâncias e as aliterações.

Já a prosa, igualmente tem que ter um ritmo. Meu encanto ao cair em Guimarães Rosa foi intuitivamente perceber a trilha sonora de seus contos,

novelas e romance, não há quase exceção. Depois disso, fiquei exigente, só me interessam os autores e autoras que têm essa marca melódica – ou explicitamente atonal. Se começo a ler um livro, e não descubro nenhuma sonoridade, abandono logo, aborrecido. Ouça Clarice, Sebald, Balzac, Proust, Beckett, Duras, Stendhal, quanta música há naquelas palavras!

**PS – Quais são os seus próximos projetos?**

EN – Estão a caminho: o anunciado quase romance por vir, as duas peças de teatro, um livro de poemas, dois livros de ensaio, minhas correspondências incompletas, uma instalação poética e outras coisas que forem surgindo ao longo da estrada. Bote pelo menos uns dez anos de trabalho nisso (risos).